

Imprensa, modernização e sensibilidades: Atraso, abandono e (iso)lamento no norte de Goyaz (1905-1925)

Press, modernization and sensitivity: delay, abandonment and isolation in north of Goyaz (1905-1925)

Radamés Vieira Nunes ¹

RESUMO

No norte goiano, nas primeiras décadas do século XX, as sensações de atraso, isolamento e abandono, exploradas pelo periódico da *Tipografia Nortense*, formam o tripé para toda obra que ajudou, entre outras coisas, a sustentar o norte goiano como região e na construção identitária da sua população. Nossa proposta é compreender como esse tripé de sensações foi levado ao paroxismo pelo proprietário do jornal *Norte de Goyaz*, Francisco Ayres, com o objetivo de ensejar desejos, temores e esperanças em seus (e)leitores. Para adentrar nestes aspectos, teceremos anteriormente, algumas considerações sobre o uso da imprensa como fonte nessa empreitada.

Palavras-chave: Imprensa, modernização, norte de Goyaz, sensibilidades.

ABSTRACT

In the north of Goiás, during the first decades of the 20th century, the sensations of backwardness, isolation and abandonment, explored by Nortense Typography, form the tripod for every work that helped, among other things, sustain the north of Goiás as a region and identity construction of its population. Our proposal is to understand how this tripod of sensations was brought to the paroxysm by the owner of the newspaper *Norte de Goyaz*, Francisco Ayres, with the purpose of giving desires, fears and hopes in his (and) readers. In order to go into these aspects, we will previously make some considerations about the use of the press as a source in this endeavor.

Keywords: Press, modernization, northern Goyaz, sensitivities.

1 Introdução

Ao iniciarmos a investigação para entender como Porto Nacional, cidade do norte goiano no início do século XX, vivenciou o processo de modernização,

¹ Professor de História da UFT – Universidade Federal do Tocantis, Doutor em História pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: radamesnunes@mail.uft.edu.br

percebemos, talvez por intuição, predileção, ou por influência bibliográfica, que partir dos jornais produzidos na cidade seria um bom caminho para debruçarmos sobre a temática.

O jornal *Norte de Goyaz*, pelo conteúdo, conservação, acesso, duração e importância, apesar de todas as dificuldades para pesquisá-lo, visto que está num acervo particular amontoado numa casa improvisada de arquivo, tornou-se o documento privilegiado para esse estudo. Durante esse percurso notamos que o nome de Francisco Ayres da Silva aparecia recorrentemente tanto nos documentos quanto na bibliografia, aos poucos foi ganhando espaço, atenção e importância nas reflexões, até se tornar a personagem principal por meio da qual perseguimos a questão.

Sua trajetória nos pareceu o caminho mais apropriado para apresentar as tensões da modernidade na cidade portuense e na região que pretendeu representar. Comerciante com negócios ao longo do rio Tocantins, médico formado no Rio de Janeiro, político na esfera Federal que se inventou jornalista como responsável pela Tipografia Nortense. Através dela atuou em Porto Nacional, como espaço político, participando do debate na, pela e sobre a cidade. Foi um dos entusiastas dos tão mencionados melhoramentos modernizantes que promoveriam o desejado desenvolvimento; ele próprio como personalidade se configurou num desses melhoramentos, que deram a sensação e expectativa de Porto como espaço com projeções promissoras.

A partir do Jornal *Norte de Goyaz*, versamos, dentre outras coisas, sobre as imagens de cidade e a ideia de região construída no hebdomadário, analisando por onde passaram e o que representaram alguns termos largamente utilizados na virada do XIX para o XX, como moderno, progresso, atraso, abandono, melhoramento, entre outros também presentes nos discursos do jornal portuense. Exploramos os usos políticos desses termos mostrando como as

mesmas palavras carregam significados diferentes dependendo de quem fala, quando, onde, por que e para quem falam. Discutimos, ainda, o que o debate em torno da modernidade e modernização interferiu na sensação de pertencimento.

Elucidamos o que Francisco Ayres defendeu como o significado de ser nortense, as disputa pelos melhoramentos urbanos de infraestrutura, transporte e comunicação. O anúncio do novo que provocou tensão entre as regiões e (re)colocou as diferenças entre norte e sul de Goiás. Analisamos o projeto viabilizado via *Norte de Goyaz* para modernizar o norte do estado e colocar Porto Nacional em evidência, investigamos as expectativas, as frustrações, o que foi realizado e o que existiu apenas como desejo. Em outras palavras, abordamos a crença de que os melhoramentos criariam um mundo novo e melhor para a cidade, um futuro promissor aberto e prestes a ser realizado, bem como os desdobramentos oriundos dessa percepção.

Interessa-nos, porém menos os resultados desta pesquisa, que o percurso trilhado por meio dos jornais de uma pequena tipografia, de uma pequena cidade interiorana, no centro do país. O que pretendemos compartilhar aqui é parte desta experiência da operação historiográfica que analisou as publicações do *Jornal Norte de Goyaz*. A intenção é partilhar, ainda que indiretamente, o percurso da busca, os desafios nos arquivos e o uso dos periódicos como fonte e objeto de estudo com o propósito de apresentar algumas vantagens, potencialidades, procedimentos teóricos-metodológicos e caminhos possíveis desse documento na produção do conhecimento histórico.

A ideia é apresentar, a partir da nossa abordagem específica com o *Norte de Goyaz*, como as folhas da imprensa, de forma geral, podem ser constituídas como vestígios privilegiados do passado para determinadas pesquisas históricas, pela riqueza das características que lhes são próprias como estreito

vínculo com o cotidiano, a efemeridade e preocupação com circunstâncias imediatas, as várias linguagens e gêneros que o constitui, a vocação para produzir valores, opiniões, projetos e percepções, a intencionalidade, a pertença ao campo de debates e disputas na realidade social que participa, entre outras.

2 Norte de Goyas: Da tipografia à História

O artigo trata, de forma geral, de alguns aspectos sobre o uso do periódico nortense como fonte histórica, e como o seu conteúdo articulou e produziu as sensações de atraso, abando e isolamento num contexto de debate sobre modernização.

O historiador não se depara com o fato histórico pronto a sua espera no arquivo, é preciso articular os vestígios para construir visões possíveis sobre o mesmo, a partir dos interesses de cada autor e da investigação controlada característica da disciplina histórica. Não seria possível compreender a trajetória de Francisco Ayres da Silva e as formas de vivenciar a modernização em Porto Nacional sem vê-las estampadas em documentos espalhados estrategicamente no tempo. Através dos jornais transformados em documentos que produzimos o discurso que tentou organizar a “presença faltante” de Francisco Ayres da Silva. (CERTEAU apud HARTOG, 2011, p.255)

Na cidade de Porto Nacional, mas também noutras cidades dos estados de Tocantins, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pará, Bahia e Rio de Janeiro, estavam esparramados vários rastros da passagem de Francisco Ayres da Silva e sua presença na imprensa. A maioria deles procurado e achado, como resultado de uma busca exaustiva conduzida pelos questionamentos. Outros chegaram em nossas mãos aparentemente por acaso, espécie de prêmio por insistirmos no percurso da procura, como anúncio revigorante de que nossas preocupações faziam sentido. Nos diferentes tipos de suporte, seja na forma

física ou digital, organizados sistematicamente ou entulhados aleatoriamente, preservados cuidadosamente, guardados de forma inapropriada ou abandonados à própria sorte, boa parte desses rastros foram constituídos, instituídos documentos a partir das indagações.

Cada espaço que guarda as marcas do passado do jornalista portuense no presente foi analisado cuidadosamente, no sentido de perceber a história e as relações de poder que envolvem as fontes históricas reunidas. Visto que guardiões da memória, para além de lugar físico ou virtual, é também lugar social, capaz de conferir maior visibilidade a determinados registros em detrimento de outros, de tornar um vestígio em importante documento ou condená-lo ao esquecimento. Os rastros de qualquer atividade têm relação com o meio social que o conserva. Não por acaso o historiador é chamado de “devorador de arquivo”.

Procurávamos exaustivamente pelo *Norte de Goyaz*, jornal mencionado pela maioria dos estudos voltados à história do Tocantins, mas curiosamente até aquele momento pouco explorado como fonte documental. Surgiu então um questionamento inevitável, por que um jornal reconhecido como um marco importante da história regional, no início do século XX, ainda não havia sido esmiuçado nas interpretações sobre o passado? Possivelmente pela dificuldade de acesso, resposta que surgiu no exato momento em que desejamos conhecer melhor a história do famoso, mas, contraditoriamente, pouco conhecido periódico portuense.

Encontramos um exemplar exposto no Museu Municipal, como registro e único representante da importância da imprensa como parte do patrimônio local. Encontramos também alguns exemplares de 1908 a 1912 disponíveis na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, preservados e disponibilizados para o público em formato digital, como uma espécie de amostra, de um jornal

quinzenal que publicou ao longo de praticamente todo século XX. O que nos levou a outros questionamentos sobre como esses jornais chegaram até aquele importante arquivo e o motivo pelo qual apenas alguns exemplares chegaram até lá. Não é nosso objetivo refletir sobre essas questões, embora algumas considerações e respostas possíveis apareçam sutilmente no desenrolar da narrativa.

Paul Ricoeur adverte que o arquivo tem certa autoridade sobre quem o consulta, na decisão sobre o que se deve preservar ou não, na forma como conserva e organiza os vestígios do passado, nas técnicas de classificação, na maneira como estabelece as regras para o acesso, nos prazos de consulta. (RICOUER, 2007, p. 179). Enfim, tanto o arquivo público quanto o privado exercem certa imposição sobre o pesquisador, que precisa ser levado em consideração no processo de produção do conhecimento histórico. Os resquícios da passagem de Francisco Ayres da Silva e de sua tipografia estavam espalhados em diferentes arquivos, dispostos em diferentes formas de conservação, registro e classificação, que dizem respeito ao que os periódicos e seus testemunhos do passado representam para as respectivas instituições e/ou pessoas responsáveis no presente.

Em contrapartida, na esteira de Paul Ricoeur, a despeito dos limites impostos pelo arquivo ao pesquisador, o documento arquivado não sabe a quem se dirigir, passa por pessoas que lhe conferem atenção, mas também por aqueles que não se interessam por ele. Fica na espreita à espera das perguntas, ligadas a projetos de explicação. Para o autor:

(...) documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, (...) além disso, o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os puseram no mundo; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los (...) (RICOUER, 2007, p. 179)

O jornal *Norte de Goyaz* constitui o principal documento para esta abordagem historiográfica, principalmente porque serve como fio condutor para apreender a trajetória de Francisco Ayres e as formas de vivenciar a modernização em Porto Nacional, e não no sentido de ter maior valor que outras fontes, numa escala hierárquica valorativa de importância na produção do conhecimento histórico.

O jornal *Norte de Goyaz* se trata de um veículo de comunicação criado para participar dos debates e questões próprias do seu tempo de produção, sem grandes pretensões de longa durabilidade. Ou seja, foi feito inicialmente para as questões do presente a que foi contemporâneo e não para ser arquivado e registrar informações a serem investigadas no porvir, embora em algum momento essa preocupação possa ter sentido, já que nos serviu como fonte histórica, talvez a contragosto daqueles que o puseram no mundo.

Focado principalmente nas preocupações do momento, o próprio espaço do jornal nos serve, ele mesmo, como espécie de arquivo em papel e tinta de onde se pode analisar os debates e discursos sobre a cidade, os projetos utópicos (a)típicos da modernidade no século XX, o cotidiano social, cultural, administrativo, político e econômico de uma cidade da então região norte de Goiás, as rivalidades políticas, as visões de mundo, expectativas e decepções.

Embora seja um hebdomadário, que jamais esgotaria uma vida, quem dirá uma cidade inteira ou a região norte, esse periódico serve muito bem como fio que conduz para aquilo que se tornou motivo de menção, de divulgação, aquilo que foi colocado em destaque ou negligenciado. Não restam dúvidas que Francisco Ayres da Silva, como jornalista responsável do *Norte de Goiaz*, deixou marcas da sua vida no Jornal portuense, seja como médico, político, pai de família, religioso, cidadão portuense, comerciante, mecenas, empreendedor etc. O *Norte de Goyaz* pode até não ser uma vida, mas são os projetos de uma vida,

quem sabe os projetos de um fragmento da cidade portuense e porque não de um estado, ou pelo menos de uma parte dele, travestido em texto escrito e impresso.

No uso dos jornais é necessária vigilância constante para resistir a tentação de retirar dos jornais apenas aquilo que é conveniente para confirmar uma hipótese, para não extrair de forma ingênua apenas aquilo que prova um argumento ou uma linha de interpretação desejada. O uso equivocado dos periódicos como prova é mais comum do que imaginamos, sobretudo para aqueles que recorrem aos jornais apenas como complemento ou como única alternativa possível diante da falta ou dificuldade de acesso a outras fontes. Tal postura ignora a complexidade da imprensa e toda conquista da História relativa à crítica documental.

Com a maioria dos jornais pode-se retirar elementos para defender as mais espalhafatosas hipóteses e mirabolantes interpretações. Os jornais pelo emaranhado de assuntos que abordam e pela numerosa quantidade de publicações, servem de argumento para praticamente tudo. Isolando fragmentos de algum periódico, da sua estrutura, do seu discurso e dos seus produtores, desvinculando-o da realidade e ignorando a complexidade característica da imprensa se terá um aglomerado de informações que se esgarçado pode assumir incontáveis formas porque ganha, pela forma de uso, uma maleabilidade ilimitada para se encaixar em qualquer construção.

Para evitar o uso ingênuo ou malicioso dos jornais alguns procedimentos teóricos metodológicos precisam ser observados por qualquer pesquisador que queira usufruir das riquezas, vantagens e possibilidades da imprensa. Destacamos apenas aqueles que consideramos mais imprescindíveis e que observamos na operação de escolha e decisão de transformar o *Norte de Goyaz* em documento histórico. Por exemplo, a recomendação proposta por Tania

Regina de Luca, no seu preciso, assertivo e indispensável esboço da história dos, nos e por meio dos periódicos, que consiste em tratar o periódico ao mesmo tempo como fonte e objeto de pesquisa, observando não apenas o conteúdo, mas também a materialidade e o perfil detalhado do imprenso. (LUCA, 2006).

Outro cuidado importante, apresentado por Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, é a necessidade de analisar qualquer periódico no interior do campo de lutas sociais em que se constitui e atua. Dito de outro modo, não se deve isolar nenhuma publicação do contexto do qual participa, narra e interfere. Além disso, é preciso entender que os veículos impressos não nasceram prontos, mas são resultados de uma criação social e cultural num dado momento histórico e seu debate intenso e conflituoso sobre o fazer da imprensa. (CRUZ, e PEIXOTO, 2007. p. 253-270).

Caso Bronislaw Baczko, em *A imaginação social*, tenha razão sobre a importância e influência dos imaginários sociais como elemento constituinte da realidade, bem como sobre a relevância dos meios que asseguram sua difusão; caso o autor ainda tenha razão quanto à conclusão de que diante da propaganda moderna, “a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros numa amálgama extremamente activa, através da qual se exerce o poder simbólico”. (BACZKO, 1985, p. 314).

Pode-se afirmar que o *Norte de Goyaz*, em meio às disputas, manipulação das informações e exercício do poder simbólico, serviu como instrumento para controlar, produzir e difundir imaginários e representações sociais, apresentando em seu bojo projetos de sociedade, com valores e crenças a serem interiorizados pelos nortenses. Por isso, a opção por esse jornal, porque assumiu um papel privilegiado na emissão dos discursos de Francisco Ayres da Silva e

suas tentativas de manejar as projeções de imaginários no e para o norte goiano de maneira a orientar a sensibilidade da população ampliando sua capacidade de influência sobre os comportamentos individuais e coletivos.

Sobre o jornal, Simmel diz que a unidade, em termos de aspecto e significação, se deve a uma personalidade dirigente, mas o jornal é também, principalmente, resultado das mais variadas contribuições de personalidades distintas e estranhas entre si. Como objeto cultural ele surge da atuação de diversas pessoas, como totalidade o jornal não provém de um sujeito anímico. Para o autor, “os elementos reuniram-se como que seguindo uma lógica e intenção de formação – que não foram atribuídos a eles por seu criador – interior a eles como realidades objetivas”. (SIMMEL, 1985, p. 19)

O periódico oferece pistas que levam a outros documentos, sinaliza arquivos a se vasculhar, interlocução entre atores, aponta para os discursos divergentes bem como para as divergências dos discursos, indica as batalhas travadas em papel e tinta com outros periódicos rivais, assim o faz também em relação aos impressos tomados como inspiração e/ou aliados. (ALONSO, 2002, p. 277 e CRUZ, 2000).

A imprensa tratada em seus pormenores é um campo aberto à serendipidade. Comenta os assuntos locais, regionais e mundiais de um ponto de vista peculiar, constrói imagens da cidade concreta e da cidade desejável. A partir do jornal *Norte de Goiás*, relacionado e confrontado com outras fontes jornalísticas ou não, é possível fazer um “mergulho nas profundezas de uma época” para analisar os rumos de uma vida em meio às formas, sempre plurais, de vivenciar a modernidade e a modernização.

Seguindo as recomendações de Robert Darnton, influenciado pela antropologia, analisando-se os documentos nas suas dimensões de maior opacidade é que se pode descobrir um sistema de significados “estranho”, sob o

ponto de vista de quem observa, e assim acessar o universo mental complexo que envolveu Francisco Ayres da Silva, seus contemporâneos e conterrâneos. Os significados da modernidade em seus múltiplos e complexos aspectos certamente assumiram na região norte de Goiás e no periódico que leva o mesmo nome configurações estranhas², ou seja, não compreensíveis ao primeiro olhar para a maioria das pessoas de outras épocas, e por que não de outros lugares. Mas, conforme apontou Darnton, é diante daquilo que aparece de forma incompreensível, nebulosa e/ou bizarra que se tem a certeza de que algo relevante sobre o passado foi encontrado. (DARNTON, 1986, p. XIV-XV)

Feita essas rápidas ponderações sobre a imprensa passaremos a tratar sobre as noções de atraso, abandono e isolamento exploradas pelo jornal portuense, apenas como mais uma forma possível de se ver a modernidade e seus efeitos.

3 Modernização e sensibilidade: atraso, abandono e isolamento nas páginas do Jornal

Nas primeiras décadas do século XX, Porto Nacional estava longe de se configurar numa zona industrial, era uma cidade predominantemente rural, se comparada a outras não teve crescimento significativo, o único jornal que sobreviveu por mais tempo era quinzenal, era destituída de telegrafo, telefone, o meio de comunicação mais viável era o correio feito por meio de estafetas, não possuía ferrovia, não havia vivenciado nenhuma experiência de movimento

² Estranho aqui também pode ser entendido conforme destacou Zygmunt Bauman (1994), ou seja, algo que surge na ambivalência e nos permite desviar de uma análise dualista do mundo. Que possibilita subverter escapar das interpretações dicotômicas.. Conforme Márcia Regina Capelari Naxara apontou usando o mesmo termo: "o estranho não se acomoda ou se deixa acomodar com facilidade; não é repellido como um outro e não é, ou dificilmente é, assimilado como igual". (NAXARA, 2009, p. 244)

social de massa, no máximo conflitos oriundos de rivalidades políticas entre coronéis que queriam controlar as poucas instituições públicas ainda a se consolidar.

A produção agrícola de Porto Nacional era basicamente dedicada ao abastecimento interno, com tímido intercâmbio comercial restrito às cidades vizinhas e aos estados limítrofes, boa parte realizada à base de troca de gêneros de fazenda, não chegou necessariamente a criar um novo ambiente que demandasse a destruição de outro que se tornasse configurado como antigo. Enfim, a cidade portuense destoou do que se caracterizava como sendo uma cidade moderna, mas isso não foi impedimento para tomar parte nessa experiência.

O fato é que a cidade de Francisco Ayres da Silva é um exemplo emblemático de como “o processo de modernização desenvolveu uma rede da qual ninguém pode escapar, nem no mais remoto canto do mundo (...)”. (BERMAN, 1986, p. 11-31)

Francisco Ayres da Silva como homem da imprensa e líder político do estado de Goiás tomou parte nas discussões e debates, colocando o jornal *Norte de Goyaz* como principal arma para, de uma só vez, defender seu projeto e propagandear-lo para Porto Nacional, bem como para toda região norte do estado que afirmava representar. Seu intuito era, dentre outros, transformá-lo em desejo e interesse de todos os chamados nortenses.

Evidentemente que tal projeto que Ayres chamou de seu abarcava alguns desejos da população do norte goiano, não podia ser diferente já que a defesa do mesmo servia também como forma de promover sua figura e garantir a manutenção do poder político. Quando nos referimos à população nortense, não se trata da totalidade da sociedade, pois por mais que o periódico portuense afirmasse expressar a vontade de todos, sabemos que expressava no

máximo as opiniões e percepções de alguns grupos pertencentes a ela e que sentiam representados pela folha. De qualquer forma, Francisco Ayres da Silva e o *Norte de Goyaz* manifestam como o processo de modernização influenciou todo o estado de Goiás em variados aspectos ao longo do século XX, transformando a realidade, ao menos como sensibilidade.

As sensações de atraso, abandono e isolamento exploradas no jornal de Francisco Ayres formam o tripé para toda obra, que ajudou a sustentar o norte goiano como região.

Como a forma de ler e discutir o norte de Goiás estava sendo feita a partir dos parâmetros e pressupostos da modernidade, especialmente no que diz respeito às transformações e desenvolvimento material dos grandes centros urbanos, nas representações do jornal, a região norte, ainda em formação, era concebida como atrasada porque estava isolada dos centros ditos modernos e civilizados, e isolada porque estava abandonada pelo poder público. Abandonada inicialmente porque não tinha um representante político oriundo da região, depois da eleição de Francisco Ayres era abandonada por outros tantos motivos, dentre os quais a negligência dos governos em não aproveitar as riquezas naturais e demais potenciais do norte do estado central do país.

Quanto ao atraso, é preciso tomar algum cuidado principalmente para não cair no engodo da simplista relação de duplos opostos, na atraente, mas fatídica dicotomização da realidade. É preciso ressaltar que as elaborações dualistas sobre a modernidade do final do século XIX e primeira metade do XX são comuns, sobretudo porque boa parte dos documentos referentes ao período privilegia intencionalmente leituras dicotômicas, todavia isso não significa que a realidade, infinitamente mais complexa e ambígua, coincida exatamente com elas.

Por isso, interessa mais aqui tentar entender os sentidos e as intenções que permearam o argumento do atraso presente nas páginas do *Norte de Goyaz* do que fatiar as tensões e embates desse momento histórico em duas partes antagônicas.

Pelas representações do jornal de Francisco Ayres da Silva, o norte de Goiás não é atrasado no sentido de um estado permanente, perpétuo e inerente ao lugar e às pessoas que lá habitam, muito menos no sentido de ser oposto, contrário ou obstáculo ao moderno e seu progresso. Não se tratava de ser, mas apenas de estar atrasado, ou seja, a região em determinado momento se tornou atrasada, ou melhor, foi tornada atrasada por ter sido impedida de acompanhar com precisão um ritmo de transformação que contagiou o mundo.

A noção de atraso aqui pode ser compreendida mais como descompasso, porque pressupõe um ritmo diferente e não necessariamente uma condição inferior e ultrapassada de ausência de desenvolvimento econômico, cultural, de conhecimento ou de civilização. Uma região em descompasso porque passou a ser observada não a partir de si mesma, mas em relação a outros lugares que, tendo também o mesmo alvo central, seguiam em compasso diferente e mais adequado ao estabelecido pelo alvo, ou seja, o progresso.

O jornal portuense, através das linguagens que o constituíam, demonstrava sentimento de que a vida em Goiás tomava certa distância de outros centros urbanos do país, tornava-se mais difícil, especialmente pela falta das vias de comunicação. Evidenciar o descompasso foi um meio de demonstrar que a cidade deveria e merecia que o progresso se instalasse mais rapidamente por aquelas paragens, a ideia era acelerar o desenvolvimento que, como acreditavam, por certo chegaria.

Os pares de Francisco Ayres, pautados na lógica de que toda cidade haveria de se modernizar, estavam convictos de que o interior do estado goiano

participaria desse processo de desenvolvimento, por isso desejavam apressá-lo. (WILLIAMS, 2011, p. 463-467). Mesmo diante, ou melhor, como parte do discurso do atraso, não se pode perder de vista que para Francisco Ayres da Silva, a terra goiana embora “Retardatária em muitos domínios marcha, no entretanto, segura e eficazmente no caminho do progresso”. (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional, 31/07/1924. p. 2).

Atrelada ao atraso estava a sensação de isolamento. O processo de modernização com a noção de progresso universal marginalizou espaços, não apenas a nível mundial, hierarquizando os países numa escala linear, evolutiva e padronizada de desenvolvimento, mas também a nível nacional, provocando diferenciação entre os estados de uma federação por receber os influxos do progresso desproporcionalmente, essa lógica se estendeu também para o interior de um estado e pode ser identificada até mesmo no interior das cidades.

A sensação de isolamento enunciada por Francisco Ayres testifica essa máxima, pois o centro de poder e decisão econômica se concentrou, em algumas regiões do país, a certa distância do estado de Goiás. A concentração geográfica dos melhoramentos materiais fez sentir com mais intensidade o isolamento.

Os elementos modernizadores, sobretudo os de comunicação, como a ferrovia e o telégrafo, foram entendidos como uma forma de colocar os estados em relação, de aproximá-los para a consolidação da nação brasileira e integração do seu território.

Interligar os estados para dinamizar o comércio, facilitar o trânsito de mercadorias, agilizar o fluxo de notícias e informações de todos os tipos entre as regiões, mormente as de caráter político, administrativo e comercial e permitir maior controle do governo até mesmo nos lugares mais distantes da Capital da República, como já visto, importantes inclusive sob o ponto de vista militar, pois facilitaria o controle e a defesa de toda extensão territorial.

Enfim, o processo de modernização foi apropriado como instrumento republicano, que corroboraria para estabelecer e reafirmar a ideia de Nação e República, até nos lugares considerados mais remotos, a saber, o interior do país. (MACIEL, 2001)

Se a interiorização da nação se daria por meio das vias rápidas de comunicação, também havia índices para medir o grau de desenvolvimento material das cidades. Ao perceber que capitais ou cidades menores de muitos estados já haviam recebido o telégrafo, ferrovia, estradas de rodagem ou navegação a vapor, enquanto o Norte de Goiás ainda não, soou como se a região não estivesse integrada ao país. Logo, de forma gradativa, tornava-se supostamente cada vez mais isolada da vida nacional, em função daquilo que se converteu em dificuldade de comunicação, especialmente com o centro nervoso do país a partir do litoral.

Se a rapidez nas comunicações, do ponto de vista geográfico, significou o encurtamento das distâncias como é corrente afirmar, o Norte de Goyaz indica que significou também, para muitas cidades, o alargamento das distâncias, evidenciando que até mesmo a alteração da percepção e da noção de espaço e tempo é plural. De qualquer maneira, é fato que os melhoramentos criaram necessidades, urgências mesmo onde não se materializaram, e, por sua vez, reforçaram a impressão de que se estava isolado, ou pelo menos não conectados com outros centros como gostariam, por isso as cobranças.

Ainda sobre o isolamento, é preciso entender que está atrelado à concepção de localização, que por sua vez é também fruto de uma construção. Possivelmente o Brasil é a maior prova dessa assertiva já que construiu, por razões que não cabem nesse estudo, em praticamente todo processo histórico a partir da colônia, uma espécie de centralização da margem litorânea, e uma marginalização do centro interiorano.

O terceiro e último ponto do mencionado tripé foi o abandono, também travestido de esquecimento. Durante algum tempo foi a tese de explicação para o atraso, a causa do isolamento. Foi um (res)sentimento intenso e largamente explorado no norte de Goiás, com múltiplas finalidades estratégicas, seja de identificação, pertencimento, regionalização, separação, política, justificativa, entre outras.

Enunciado por diferentes sujeitos e de variadas formas, o abandono coloca em relação diferentes espaços geográficos, transformados em lugar, hora se remete a Porto Nacional, preterida em relação às cidades circunvizinhas, noutra hora diz respeito ao norte goiano como desprezado em relação ao sul do estado, em alguns momentos se refere a Goiás, esquecido na comparação com outros estados da federação, noutros momentos ainda se alude ao norte do país como olvidado no que concerne à atenção dispensada ao sul do país. O abandono era caracterizado majoritariamente pela falta ou ausência de melhoramentos, cuja responsabilidade quase sempre era atribuída ao poder público de forma geral nas suas correspondentes esferas, ou a políticos em particular.³

As representações do jornal de Francisco Ayres faziam questão de apresentar uma “esquecida e imensa região, que desde remotos tempos coloniaes jaz no mais condenável e ingrato abandono”. (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional, 31/07/1906. p.1.)

³ Cabe aqui fazer uma distinção, o abandono já era um tema colocado anteriormente ao *Norte de Goyaz*. O jornal *Folha do Norte* (1891-1894), no final do século XIX, já tateava a questão com contornos diferentes, exemplo disso é o artigo *O Enjeitado* (30/09/1892). Naquele momento a reclamação principal era a falta de proteção dos governos para o norte, sobretudo pela disparidade em relação ao sul. O abandono não passava necessariamente pela questão da modernização e dos melhoramentos de viação rápida, como se dava a partir do *Norte de Goyaz*, “Vivemos abandonados sem possuímos viação de espécie alguma” (N.G.15/03/1917). (CAVALCANTE, 1999, p. 75-76)

Ao longo de toda existência do periódico, que leva o mesmo nome da região, essa condição é (re)afirmada, renovada e (re)elaborada, às vezes como um problema que demandava a eleição de determinados homens supostamente mais capacitados para solucioná-lo, outras vezes como um problema que impedia que esses mesmos homens depois de eleitos fossem capazes de cumprir as promessas que os elegeram, a despeito do empenho

Caso se pense na distribuição dos dois principais benefícios pelos quais as cidades brasileiras, de forma geral, mais se empenharam no final do século XIX e início do século XX, o telégrafo e a ferrovia, é perceptível que a construção do abandono ao qual nos referimos não se deu a partir do nada. Havia um contexto propício para ser explorado no sentido de direcionar as pessoas a sentirem tal impressão. Ao tratar sobre o circuito telegráfico brasileiro, Laura Maciel informa que até a proclamação da República, quando as extensões das linhas construídas já atingiam aproximadamente 19 mil quilômetros, alcançando quase todos os estados do país, Goiás ainda não as havia recebido, assim como Mato Grosso e Amazonas. (MACIEL, 2001).

Sobre a malha ferroviária não é diferente, foi iniciada a partir do Rio de Janeiro na década de 1850, ainda no século XIX, alcançou a maioria dos estados, sobretudo os litorâneos. Segundo o historiador Borges, em solo goiano o primeiro trecho da estrada de ferro chegou em 1911, na divisa com Minas Gerais. (BORGES, 1990). A instalação tanto do telégrafo como da ferrovia demorou a chegar em Goiás, se comparado a outros estados brasileiros, e quando chegou se limitou ao que se configurou como a parte centro-sul do estado.

A situação agrava caso se pense no principal ponto do projeto de Francisco Ayres, ou seja, a navegação a vapor nos rios Tocantins e Araguaia, porque a viação fluvial que teve certa proeminência no período monárquico

pouco empolgou os governos durante a República, assunto praticamente “abandonado” em prol da ferrovia, aviação e estradas.

Engana-se quem pensa que o abandono destacado pelo jornal portuense foi apenas uma tática para distinguir a porção norte do restante de Goiás, como algo inerente apenas àquela região. Essa condição era atribuída a todo o estado, e mesmo considerando que o sul se beneficiava mais que o norte na busca por modernização, não se negava que sofria do mesmo incômodo. Quando o abandono estava associado às críticas ao poder público federal, o estado como um todo aparecia como vítima, quando era associado às críticas ao poder público estadual a vítima era o norte.

No *Norte de Goyaz*, o uso do abandono não tem viés separatista, ao contrário de usos posteriores ou mesmo de alguns contemporâneos a Francisco Ayres. Embora, coloque em foco o pertencimento através de questionamentos como “O norte não pertence a Goyaz?” feito para criticar o governo estadual acusado de fazer melhoramentos em riachos do sul e esquecer do rio Tocantins.

Apenas apresentamos parte das variações para aludir que a questão é complexa e para ser entendida carece de análise minuciosa de contexto, afirmar simplesmente que o norte goiano ou Goiás era abandonado simplifica a discussão e propicia equívocos de interpretação que mais confundem do que esclarecem o momento histórico. A tese do abandono, com suas síndromes de desprezo e rejeição foi disseminada de tal forma em Goiás não apenas por Francisco Ayres da Silva e seu jornal, mas por grande parte da imprensa e políticos goianos, que ajudou a instaurar uma “serie de mal estar” que de alguma maneira ainda aflige goianos e, principalmente, tocantinenses, como espécie de ferida aberta na e pela modernidade, mas ainda não cicatrizada. (*NORTE DE GOYAZ*. Porto Nacional, 15/10/1919. p.1).

4 Considerações Finais

As sensações de atraso, isolamento e abandono propiciadas pelo processo de modernização, como vimos, além de provocarem mal estar foram amplamente utilizadas no jogo político. Se munir Porto Nacional e toda sua região com os melhoramentos modernos para levá-los ao progresso material desejado era, naquele período, o tema mais capaz de suscitar as emoções dos eleitores mais indiferentes, Francisco Ayres da Silva, como homem da imprensa e da política, não titubeou em apresentar esta causa como incontestável e se colocar como seu principal agente.

Nos períodos eleitorais o tripé de sensações, aqui tratado, era levado ao paroxismo, com o objetivo de fazer surgir temores e esperanças. O líder portuense se valia de uma técnica de persuasão política, que Pierre Ansart denominou de “dialética do inquietar/tranquilizar”, que consiste em assumir as inquietudes, ou até mesmo potencializá-las, para depois se apresentar como o seu agente tranquilizador. Segundo o autor,

O líder político não nega os perigos; ao contrário, ele confirma os temores dos auditores, sublinha os perigos que as ações dos adversários fazem a comunidade correr, legitima os medos e os descontentamentos. Assim, ele apaga as diferenças e as contradições, forja temores comuns, hostilidades comuns nas quais são dissolvidas as desconfianças internas. Mas ao mesmo tempo ele designa a si próprio como o agente melhor capacitado para resolver as insatisfações, o mais apto para assumir as inquietudes e, por essa razão, o melhor para responde-las. O líder trata a angustia persistente, assume as inquietudes (e/ou finge assumi-las), agrupa e anula as divergências, apresenta-se como o agente tranquilizador, encarnando as expectativas da audiência. [...] o partido deve ser capaz de continuamente persuadir de que ele é efetivamente o melhor representante dos interesses mais amplos. Para isso, deve utilizar-se também dos meios da persuasão afetiva: agradar, reter atenção, criar sentimentos de cumplicidade, de indignação, de orgulho, engendrar a ilusão da proximidade. (ANSART, 2001, p. 70-71)

Na posição de líder político, era dessa forma que Francisco Ayres atuava. Sendo assim, pode-se considerar que as sensações a que nos referimos foram relevantes para a projeção política que obteve. O processo de modernização com suas novas tecnologias e o consumo de bens materiais excitavam os desejos, estimulados ainda mais pelo *Norte de Goyaz*. Simultaneamente ao despertar dos desejos surgiam as decepções, sobretudo pelo fracasso em não alcançar os objetos transformados em símbolos gratificantes de distinção, ou, nos termos de Simmel, diante da dificuldade em acompanhar o supercrescimento do “espírito objetivo”, ou seja, da “cultura objetiva”. (SIMMEL, 1967, p. 25-26). Daí as angústias e inquietações vinham também experimentadas como injustiça e rejeição.

Era justamente no seio dessa contradição que Francisco Ayres visava persuadir os (e)leitores da importância do seu ativismo na construção de uma realidade em que os desejos de progresso não seriam sucedidos por decepções, superando assim o estado de carência em que se sentiam enredados.

Referências Bibliográficas

ALONSO, A. “Crítica e mobilização”. In: **Ideias em movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil- Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ANSART, P. Mal-estar ou fim dos amores políticos?. **HISTÓRIA & PERSPECTIVAS**. n. 25 e 26 – jul/dez, 2001. Jan/jun, 2002. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia.

BACZKO, B. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAUMAN, Z. Modernidade e Ambivalência. In: FEATHERSTONE, M. (cord.). **Cultura Global**. Nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BORGES, B. G. **O despertar dos dormentes**. Goiânia: Ed. UG, 1990

CAVALCANTE, M. do E. S. R. **Tocantins**: o movimento separatista do Norte de Goiás 1821-1988. São Paulo: a. Garibaldi, Editora da UCG, 1999.

CERTEAU, M. apud HARTOG, F. **Evidências da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **PROJETO HISTÓRIA**. *História e Imprensa*. Nº35, Dez/2007. São Paulo: EDUC, 2007.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

DARNTON, R. **O grande Massacre dos gatos**: e outros episódios da História Cultural Francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

LUCA, T. R. de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINKY, C. B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-154

MACIEL, L. A. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. **Ver. Bras. Hist.** vol.21, nº41. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200007#nota. Acesso em: 23/03/2016.

NAXARA, M. R. C. Pertencimento e alteridade: romance e formação – leituras de Brasil. In: NAXARA, M. R. C.; MARSON, I. A.; MAGALHÃES, M. B. de (orgs.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

SIMMEL, G. *O conceito e a tragédia da cultura*. In: ÖELZE, Jessé Souza B. **Simmel e a modernidade**, Brasília: Ed. UNB, 2005.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In. VELHO, Ótávio Guilherme. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1967.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Nunes

Imprensa, modernização e sensibilidades: Atraso, abandono
e (iso)lamento no norte de Goyaz (1905-1925)

Recebido em Janeiro de 2019.

Aprovado em Abril de 2019.
